

VACINA

Sem medo e menos dor



Nunca se deve menosprezar o medo e a ansiedade do paciente. Tirar o foco da injeção é um bom começo

GIOVANNA SAMPAIO
Editora

A vacinação não se limita ao ato de aplicar a vacina. Vai muito além. Ao profissional de saúde cabe conhecer as todas as especificações do produto biológico (de como foi produzido e agirá no sistema imune), assim como estar atento às várias etapas do processo de armazenamento (cadeia de frio), essenciais para que a vacina cumpra seu objetivo: o de induzir uma resposta imunológica segura e eficaz ao indivíduo.

A forma como o paciente - do bebê ao idoso - é acolhido na sala de vacinação é igualmente importante. Afinal, medo, ansiedade, estresse e angústia são sensações frequentes quando associadas à possibilidade de dor. E, principalmente, quando diz respeito a procedimentos médicos como injeções decorrentes de vacinas e exames.

Outro olhar

Esse olhar cuidadoso e acolhedor foi destacado pela enfermeira em saúde pública Mirian Martho de Moura na palestra "Boas práticas de imunização", que integrou a programação científica da XIX Jornada Nacional de Imunizações, realizada de 9 a 12 deste mês, em São Paulo.

O evento promovido pela Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), presidida pela pediatra Isabella Ballalai, teve

como tema "Imunização e Sustentabilidade, Caminho para a Prevenção", e reuniu mais de mil profissionais de diversas especialidades.

A maior jornada sobre o tema no país debateu sobre a vacinação contra a febre amarela, o desenvolvimento de novas vacinas, calendários de vacinação do Sistema Único de Saúde (SUS) e das sociedades médicas, vacinação do idoso.

Cuidar, acolher, acalmar

Pesquisas comprovam que o medo de injeção e a perspectiva de vir a sentir dor atingem 8% dos pacientes. Diante disso, Mirian Martho de Moura indica estratégias simples adotadas por médicos e enfermeiros para facilitar a vacinação.

Parece uma atitude elementar, mas nunca é demais lembrar o erro ao menosprezar a dor e o medo do outro. Assim, a enfermeira destaca que o profissional de saúde deve receber o paciente com atitudes positivas (por meio de expressões faciais e linguagem); ser acolhedor e inspirar confiança; manter contato visual, calma e a voz suave; ser honesto sobre o que o paciente deve esperar (e não criar expectativa de que a injeção não irá doer).

Esse temor é minimizado quando a vacina é aplicada de forma segura, no caso da criança, quando os pais ou responsáveis a coloca no colo (sempre na posição sentada). Ficar

FIQUE POR DENTRO

Cadeia de frio: o coração da imunização

A eficácia da vacina pode ir além da qualidade para a qual foi desenvolvida, uma vez que depende dos procedimentos realizados antes, durante e após o ato de vacinação.

Trata-se de uma estrutura complexa, regida por regras e regulamentações técnicas que devem ser seguidas no armazenamento, distribuição, transporte e manipulação do imunobiológicos. "Qualquer quebra na temperatura ou nas condições ideais de manipulação, em um dos pontos dessa rede, compromete a qualidade da vacina", afirma a enfermeira, diretora da SBIIm Mayra Martho de Oliveira e mestre em tecnologia em imunobiológicos.

Por serem termossensíveis, esses produtos devem ser submetidos ao monitoramento contínuo quanto a temperatura (a 5°C), enquanto o ambiente onde estão as vacinas devem ser mantidos a 23°C.

Detalhe: os avanços tecnológicos (softwares) tem levado as pessoas a deixar de verificar manualmente a temperatura do equipamento. "Uma falha na cadeia de frio pode significar numa potência reduzida ou perda de eficácia da vacina, que resultam no aumento de eventos adversos e prejuízo financeiro", descreve Mayra.

O processo de produção de vacinas é tão complexo que leva de 10 a 15 anos desde a descoberta até o licenciamento do produto. De cada 10 vacinas em teste, apenas uma chegará efetivamente à população, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)



A enfermeira Mirian Moura é homenageada na clínica-modelo, ao lado de Isabella Ballalai e Mayra Moura, presidente e diretora da SBIIm, respectivamente

atento para homogeneizar o frasco, e se a agulha está posicionada corretamente.

Para acalmar os bebês (até seis meses), uma solução é administrar (por via oral) gotinhas de glicose dois minutos antes de aplicar a vacina. O uso da chupeta, assim como

vacinar durante a amamentação, são boas práticas. "O leite materno relaxa o bebê", afirma a enfermeira.

Sem receio

Adolescentes e adultos jovens normalmente não choram, mas expressam o medo de agu-

lha na forma de um riso nervoso, sudorese ou de uma musculatura tensionada. Não raro, na sala de vacinação, médicos e enfermeiros se deparam também com um paciente que sofre uma síncope (fraqueza, tontura e perda de consciência) logo após ser vacinado.

Neste caso, o ideal é mantê-lo deitado (em uma posição relaxada) por cerca de 15 minutos. "Se a síncope desenvolver, o paciente deve ser observado até que esteja assintomático", descreve Mirian de Moura, que coordenou o Programa Nacional de Imunização (PNI) de 1991 a 1992.

Além de massagear o braço ou usar uma pomada anestésica, outra forma de tranquilizar o paciente adulto (que antever uma possível dor) "é falar sobre outros assuntos, de preferência, puxar um tema polêmico (esporte ou política). Com muito jeito e paciência, é possível tirar o foco do medo", conclui a enfermeira. "Viajou a convite da Sociedade Brasileira de Imunizações



Viagem em família?

É tempo de sorrir.

Com os cuidados de um plano Uniodonto você está sempre pronto para aproveitar o melhor da vida.

- Urgência 24 horas • Excelente rede de dentistas
- Modernos Núcleos de Atendimento

UNIODONTO
Fortaleza
85 4009.5433